

Moda, Conservadorismo e Religião
Vestuário e expressão como fronteira
entre o individual e o coletivo

Versão final após defesa

Maria João Rocha da Costa

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Branding e Design de Moda
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Prof. Doutora Catarina Isabel Grácio de Moura

dezembro de 2023

Declaração de Integridade

Eu, Maria João Rocha da Costa, que abaixo assino, estudante com número de inscrição M11928 do mestrado em Branding e Design de Moda da Faculdade de Artes e Letras da UBI (gerido em parceria com o IADE – Universidade Europeia), declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridade da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, e que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assim assumo na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior / IADE – UE, Covilhã / Lisboa 27 / 12 / 2023

Maria da Costa

(assinatura digital conforme Cartão de Cidadão
ou com chave móvel digital)

Dedicatória

À minha família, ao meu namorado e aos meus amigos.

Agradecimentos

O sentimento de dever cumprido invade-me. A conclusão desta dissertação representa o fecho de um ciclo muito importante na minha vida. Aqui, desenvolvi diversas capacidades que me prepararam para um futuro melhor e, conseqüentemente, a ser tanto uma melhor pessoa como uma melhor profissional. Alcançada esta meta, reconheço que existiram várias alavancagens que a tornaram possível. Primeiramente, gostaria de agradecer à minha “casa”, ao IADE - Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing. Contribuiu imenso para o meu crescimento e foi, sem dúvida, uma opção excelente para continuar o meu percurso académico. Agradeço também a todos os professores com quem tive oportunidade de aprender. Nomeadamente, a Professora Doutora Caroline Loss, que esteve sempre disponível. Um agradecimento especial à minha orientadora, a Professora Doutora Catarina Moura. Sempre me inspirou a ser melhor e fomentou em mim o valor de saber aprender cada vez mais. Pus à prova capacidades que não imaginei que tinha e, acima de tudo, alcancei os meus objetivos. Muitos foram os que me apoiaram nesta fase. Queria ainda agradecer à minha família, pois sem eles nada seria possível. A todos os meus amigos e colegas de turma que foram um pilar fulcral durante todo o meu percurso. Em suma, foi um enorme gosto de fazer parte desta família que me ajudou a ser cada vez melhor.

Resumo

A presente dissertação tem como objetivo primordial analisar o papel da moda no âmbito de culturas conservadoras, procurando compreender de que modo o vestuário conservador se constitui como símbolo, vínculo e fronteira entre moda, cultura e religião. Pretende-se igualmente compreender em que medida, em comunidades pautadas pela tradição e pela defesa da articulação entre valores e modo de vida, o uso do vestuário e da moda como veículo de expressão identitária é afetado por fatores como a política, a religião e a idade. A dissertação começa por abordar a dimensão simbólica do vestuário e o modo como conceitos como visibilidade e invisibilidade são trabalhados pelo mesmo, avançando em seguida para a análise da relação entre moda e conservadorismo a partir de noções como sociedade fechada e sociedade aberta. Metodologicamente, a dissertação avança com o resultado da realização de três entrevistas a indivíduos enquadrados por distintos contextos culturais e religiosos. A análise destes testemunhos revela-se um complemento pertinente para a investigação em estudo, sendo claro que a experiência de três pessoas será sempre uma amostra parcial (mas nem por isso menos relevante) da complexidade das circunstâncias mais amplas que as enquadram.

Palavras-chave

Moda; Expressão; Visibilidade; Modéstia; Culturas conservadoras.

Abstract

The main purpose of this dissertation is to analyze the role of fashion within conservative cultures, seeking to understand how conservative clothing may constitute a symbol, link and border between fashion, culture, and religion. It is also intended to understand to what extent (in communities guided by tradition and the defense of the articulation between values and way of life) the use of clothing and fashion as a vehicle of identity expression is affected by factors such as politics, religion, and age. The dissertation begins by addressing the symbolic dimension of clothing and the way in which concepts such as visibility and invisibility are worked on by it, then moving on to the analysis of the relationship between fashion and conservatism based on notions such as closed society and open society. Methodologically, the dissertation continues with the result of three interviews with individuals from different cultural and religious backgrounds. The analysis of these testimonies proves to be a pertinent complement to the research under study, being clear that the experience of three people will always be a partial sample (even if no less relevant) of the complexity of the broader circumstances that frame them.

Keywords

Fashion;Expression;Visibility;Modesty;Conservative cultures.

Índice

Dedicatória	v
Agradecimentos	vii
Resumo	ix
Abstract	xi
Lista de Figuras	xv
Introdução	1
Questão de investigação	1
Objetivos	2
Metodologia	2
Estrutura da dissertação	2
Capítulo 1 – A dimensão simbólica da moda	3
1.1 A Moda como expressão	5
1.1.1 A Moda como forma de mostrar	6
1.1.2 Visibilidade e invisibilidade	7
Capítulo 2 – Moda e Conservadorismo	9
2.1 Culturas Conservadoras	10
2.1.1. Influência da idade	11
2.1.2. Influência política	11
2.2 Sociedades abertas e sociedades fechadas	13
2.3 Conservadorismo, religião e moda	14
2.3.1. Cristianismo Ortodoxo	15
2.3.2. Catolicismo Conservador	16
2.3.3. Judaísmo	17
2.4 O Pudor, a modéstia e a moda	19
Capítulo 3 – Metodologia	22
3.1 Entrevistas	23
3.2 Análise e conclusões	26
Conclusão	27
Referências Bibliográficas	28
Apêndices	30

Lista de Figuras

Figura 1 - Livro de Karl Popper “The Open Society and its Enemies”

Figura 2 - Halima Aden

Figura 3 - Carrima Orra

Figura 4 - Vestuário de uma mulher numa igreja ortodoxa.

Figura 5 - Vestuário de indivíduos católicos e representantes políticos

Figura 6 - Vestuário de noivas católicas

Figura 7 - Vestuário de homens judeus

Figura 8 - Fotografia de um casamento entre dois judeus

Figura 9 - Vestuário de um homem judeu com alguma idade

Introdução

A presente dissertação surge no âmbito do Mestrado de Branding e Design de Moda, gerido em parceria entre a Universidade da Beira Interior e o IADE-Universidade Europeia. O seu principal objetivo centra-se na análise do vestuário como expressão identitária e fronteira cultural entre o visível e o invisível, nomeadamente no âmbito de culturas conservadoras.

É de extrema importância analisar o vestuário como segunda pele e compreender o estatuto semiótico do corpo, a pele como limite, a mudança do corpo, a sua nova interpretação e o impacto da moda como operador de mudança semiótica. O carácter simbólico do vestuário, vai muito além de qualquer questão de género. Cada indivíduo segue um determinado código imposto pela sociedade onde se insere e esse código é respeitado e seguido pela maioria dos que nela pertencem.

Além disso, as opções ideológicas são muitas vezes identificadas através do vestuário e o mesmo passa a ser o veículo para a sua afirmação individual (Babo, 2017).

Atualmente, a naturalidade do corpo pode ser questionada. Cada vez mais temos oportunidade de fazer várias alterações e, mais uma vez, tornar o nosso corpo num veículo que permite a transmissão de várias ideias.

A manipulação genética, a mutação de género, a mutação plástica, todas as variantes possíveis do fenómeno de transfiguração do corpo provocam uma verdadeira rutura no corpo dito natural que deixa de ser assumido como destino (Idem, Ibidem).

Existem três funções que devem ser analisadas sobre o vestuário. A primeira a proteção, a segunda os efeitos estéticos e, por fim, o pudor. “O simples ato de cobrir a nudez é um ato expressivo. Fazemo-lo por necessidade física, mas também porque estamos inseridos dentro de um grupo que age de acordo com várias regras” (Babo, 2017). Em suma, será observada a importância da simbologia do vestuário como veículo cultural.

Questão de investigação

A evolução da perceção e do sentido do vestuário em culturas conservadoras tem sido alterada ao longo do tempo. Torna-se, por isso, importante compreender se a moda tem lugar neste contexto, nomeadamente como fator de expressão individual, analisando também de que forma se articula com valores tradicionais e/ou religiosos, e se a sua presença é, de algum modo, fator de mudança e transformação.

Objetivos

Assumindo a questão de investigação como ponto de partida, a investigação em curso tem como objetivos principais:

- Compreender a dimensão simbólica do vestuário;
- Clarificar a ligação existente entre moda e expressão individual no âmbito de culturas conservadoras;
- Analisar a moda como fronteira entre visibilidade e invisibilidade;

Consideram-se objetivos secundários:

- Desenvolver uma investigação capaz de interligar distintos conteúdos e ferramentas aprendidos em contexto académico;
- Promover boas práticas de pesquisa, tanto ao nível da revisão bibliográfica, como dos métodos de investigação empregues.

Metodologia

A investigação que dá corpo a esta dissertação assenta numa metodologia descritiva e exploratória, através da utilização de ferramentas como revisão bibliográfica, análise documental e realização de entrevistas. Assenta sobretudo num método qualitativo que possibilita a obtenção de um conhecimento mais quotidiano e aproximado às pessoas que pertencem a estes contextos.

Numa primeira instância, será realizada uma revisão bibliográfica com a qual se procurará clarificar os principais conceitos que estruturam a temática em análise. Num segundo momento, serão realizadas entrevistas a indivíduos que possam dar conta da relação entre vestuário e valores tradicionais ou religiosos no âmbito de culturas consideradas conservadoras.

Estrutura da dissertação

Esta dissertação encontra-se dividida em três capítulos. Os dois primeiros são dedicados ao enquadramento conceptual da problemática em análise, explorando a dimensão simbólica da moda e a sua articulação com culturas tradicionais e tendencialmente conservadoras. O terceiro capítulo centra-se na exposição das opções metodológicas e das conclusões extraídas após a sua aplicação.

Capítulo 1 – A dimensão simbólica da moda

Analisar o que o design de moda transmite, a teia de significados que dele emerge, leva-nos facilmente a considerar o ato de vestir não só como um fenómeno sociocultural, mas também como uma *linguagem*. No entanto, a semiótica ultrapassa o código linguístico, sendo essencial ter esta noção presente quando pensamos na moda como produção de sentido e na maneira como o vestuário mobiliza, entre outras, as dimensões icónica, simbólica e metafórica da nossa cultura visual.

O vestuário desempenha múltiplas funções a um nível mais básico — vestir é, por norma, cobrir, tapar, proteger. No entanto, sabemos também que o mobilizamos ao construirmos a nossa identidade individual, fazendo dele uma forma de expressão. É aí que começamos a encontrar, mais do que roupa ou acessórios, moda.

Para além das ações significativas que encerra em cada *outfit* diário ou em cada *coleção* de temporada, a moda constitui-se como o processo pelo qual a cultura contemporânea se exprime em espetáculo, desperdício e frivolidade (Oliveira, 2013).

Não existe registo de um tempo em que o vestuário e os acessórios não tenham sido transmissores de múltiplos significados, que em muito ultrapassavam (e ultrapassam) a sua dimensão literal. A identidade não é, afinal, apenas individual — é também coletiva. O objeto e a imagem, nas suas mais variadas declinações, são parte dessa expressão plural, representando características geográficas, ideológicas, políticas, sociais, religiosas, entre tantas outras.

Existe, efetivamente, uma relação entre o sentir e o vestir, seja esse pulsar o de um ou de muitos. A maneira como cada indivíduo se veste é reveladora da sua maneira de pensar, estar e agir. Por isso, é fundamental compreender e respeitar os sinais do design de moda.

Se me concedessem escolher entre os vários livros que serão publicados 100 anos depois da minha morte, sabem qual pediria? Não, o eleito desta futura biblioteca não é um romance, nem um livro de história que, se tem algum interesse, também é um romance. Meus amigos, pediram simplesmente uma revista de moda para ver como é que as mulheres se vestirão um século depois da minha morte. E aquelas máscaras saberão dizer-me mais sobre a humanidade futura do que os filósofos, os escritores, os pregadores, os sábios (Baldini, 2006, citado por Oliveira, 2013).

O caráter simbólico do vestuário ultrapassa, num primeiro momento, qualquer questão de género. É um fenómeno social, cultural, histórico, que nos convoca enquanto coletivo e faz com

que, também individualmente, tendamos a seguir as normas da comunidade em que estamos inseridos. “A linguagem do vestuário é absolutamente permeável à flutuação das tendências e à instabilidade dos modos de sentir” (Oliveira, 2013).

O simples ato de cobrir a nudez é um ato expressivo. Fazemo-lo por necessidade física, mas também porque estamos inseridos dentro de um grupo que age de acordo com várias regras (Babo, 2017).

Correspondendo a uma lógica de identificação com um grupo, que é o mesmo que dizer à inscrição num estilo específico, as roupas como os adereços promovem também a definição de uma identidade (pessoal, por um lado, e cultural por outro) (Idem, Ibidem).

Os desfiles de moda são o momento ideal para expressar e demonstrar os sentimentos e as tendências de cada estação. Além disso, são momentos de exibição não só dos coordenados, mas também de fases, perspectivas, renovações e reinvenções que se imprimem na época em causa.

Estruturados pelo conceito da coleção, pela posição social do *designer* ou da empresa, pelas tendências da estação, pela época e pelo contexto histórico-social de lançamento da coleção, pelo mercado e pelo enquadramento económico e cultural de um determinado período histórico, os desfiles de moda são, por outro lado, estruturadores do prestígio do criador, da posição social e económica de uma marca, da crítica pública e dos significados de uma coleção (Idem, Ibidem).

Apesar de existir um carácter uniformizador no design de moda e na sua expressão, existe em simultâneo um carácter diferenciador. Embora cada indivíduo se possa reger por esta uniformização, existe sempre uma personalidade, uma cultura, uma ideologia que a deferência do seu meio.

Se no passado a moda funcionou como o regime de um luxo estético reservado apenas a alguns, hoje ela é não um privilégio de classe, mas uma autoridade que se impõe a todos em todos os níveis da vida coletiva (Idem, Ibidem).

O design de moda é um processo excecional do conhecimento do comportamento e dos sentimentos humanos. Representa uma necessidade física que admite evocar uma nova linguagem e é também um processo de desenvolvimento humano fundamental.

1.1 A moda como expressão

A moda não se limita ao “vestir” um corpo nu. Cria uma identidade que permite que o mundo que nos rodeia possa tirar conclusões sobre várias temáticas. É um veículo de comunicação que permite que cada indivíduo se possa exprimir.

Se desde sempre se sabe que esses “objetos” têm funções bem precisas e diferentes, hoje estamos convencidos de que eles constituem igualmente, para os homens, meios de comunicação, veículos de significações (Barthes, 2015).

É também possível identificar uma evolução no conceito de “expressão”. Atualmente, é muito mais visível e analisado. Pode explicar comportamentos, decisões, posições políticas, económicas e estilos de vida. A moda coloca em jogo vários sistemas de expressão, nomeadamente, o material, o imagético e a linguagem.

Além disso, este sistema de expressão pode ser pressionado por um coletivo, no sentido em que pode representar um grupo. Através de imagens, podem ser criados vários estereótipos, muitas vezes erradamente, sobre um determinado estilo de vestuário. A expressão do vestuário pode ser traduzida numa questão de identidade, mas muitas vezes numa questão supérflua que é conduzida pela generalidade das observações acerca de algo.

Através da moda, é possível construir de uma forma individualizada a identidade pessoal de cada um. Permite que cada indivíduo se afirme e comunique aspetos diferenciados através da escolha das suas roupas. Por isso, a moda também representa um papel de extrema importância relativamente à representação cultural, pois permite que através da sua utilização possam partilhar-se identidade e valores, utilizando roupas tradicionais, padrões e símbolos específicos de um contexto cultural que podem ser incorporados num guarda-roupa diário. Através da utilização deste vestuário, está muitas vezes em causa uma forma de honrar tradições e de demonstrar respeito a determinada cultura.

Além do mais, a moda passa a ser usada como ferramenta para promover a diversidade e a inclusão, onde cada cultura tem a capacidade de adaptar a combinação de traços culturais com a moda contemporânea. Cada indivíduo tem a oportunidade de celebrar a sua identidade assinalando a sua cultura aliada ao seu estilo pessoal. É uma fusão de escolhas que acabam por moldar cada um de nós.

Apesar de estarmos constantemente sujeitos à nossa realidade, o facto de estarmos perante um mundo cada vez mais multicultural faz com que a moda cultural possa estar sujeita a algumas alterações. Nomeadamente, é possível que pessoas de diferentes culturas adotem outro tipo de elementos de culturas diferentes por estarem também relacionadas com outro meio. Ao adotar

outros elementos de moda, é criada uma identidade cultural única que provém de diferentes experiências, lugares e culturas (Cardoso et al., 2010).

Em suma, os elementos escolhidos são um meio extremamente poderoso através do qual cada indivíduo tem a liberdade de se expressar, explorar, conhecer e celebrar essa mesma identidade. Para além da componente cultural, a escolha de diversos elementos pode também estar relacionada com a expressão de género e com a sexualidade. Por exemplo, a bandeira do arco-íris é um símbolo reconhecido de diversidade, representando por norma a comunidade LGBTQAI+. A moda é uma forma visual muito importante capaz de celebrar a identidade de cada um. Desafia as normas de género e permite que cada ser se integre dentro de uma comunidade.

A moda é também capaz de narrar experiências e vivências de cada um de nós. Numa perspetiva mais detalhada sobre a mudança, a verdade é que a moda também está em constante alteração tal como nós. Passamos por diferentes situações e experiências. Por isso, ao longo do tempo a utilização de diferentes elementos pode também ser vista como transformação pessoal e adaptação a novos começos.

Através da moda, cada ser individual é livre de definir a sua identidade e de se integrar no contexto com o qual se identifica mais. Seja pela expressão cultural, política, religiosa, financeira, sexual ou histórica, todos nós construímos a nossa própria expressão e, por isso, somos diferentes e únicos.

1.1.1 A moda como forma de mostrar

Temáticas como o protesto político, a identidade cultural, a história pessoal e a religião podem ser expressos através da moda, sendo que esta associação pode estar relacionada com as roupas que estão a utilizar (Beward, 2007; Hansen, 2004; Michelman, 1998).

Numa sociedade em constante evolução, com um fluxo ideológico mutável, as formas de protesto e de partilha de perspetivas são abundantes e diversas. No que diz respeito ao domínio político, são várias as maneiras em que a moda pode ser utilizada para afirmar uma posição. Recentemente, vários membros do partido Lewica, na Polónia, decidiram vestir-se com as cores da bandeira LGBTQAI+, contra a ideologia homofóbica defendida por um colega do parlamento¹, demonstrando assim o seu apoio à comunidade.

Contudo, se a roupa pode ser uma demonstração positiva de apoio político, também pode representar um ideal opressivo, como é o caso da imposição de regras de vestuário e de aparência impostas pelo regime de Kim Jong Un, na Coreia do Norte. Embora sejam impostas e não usadas

¹ Cf. <https://www.dn.pt/mundo/dez-deputadas-posam-com-cores-da-bandeira-lgbt-em-protesto-contra-presidente-polaco-12506105.html>

de livre-vontade com o intuito de refletir a perspectiva política individual de cada um, acabam por refletir a ideologia política de um país que não aceita o livre-arbítrio e, em última instância, o exercício do respeito pelos direitos humanos mais básicos².

Além disso, a moda pode ser também uma representação da herança cultural de um indivíduo. Uma peça de vestuário pode ser um símbolo da história de um povo, refletindo os seus valores e os seus costumes, transformando-se num legado que se edifica para a posterioridade. Este é um aspeto muito presente em comunidades nativas cuja herança cultural está cada vez mais presente na sociedade, contrariando séculos de opressão e nações cujo objetivo era suprimir a divulgação da sua existência e das suas tradições. Atualmente é possível verificar a sua existência e a sua importância através dos símbolos que incorporam nas indumentárias utilizadas no seu quotidiano, tais como, as tatuagens típicas da comunidade Maori, as *Ta Moko*³, e as tranças elaboradas utilizadas por mulheres da tribo Navajo⁴.

Esta expressão pode representar, igualmente, uma vertente religiosa. Embora esta expressão não seja obrigatória em todas as crenças, e a sua utilização quotidiana não seja uma prática comum a todas as religiões, sabemos que vários ramos religiosos têm uma peça de vestuário que os caracteriza ou que a eles está associada, como é o caso do *Hijab*, no Islão, ou o Quipá, no Judaísmo.

Estes exemplos, que estão diretamente ligados à investigação em causa, demonstram que a moda é um conceito heterogêneo e multifacetado (Calanco & Capalbo, 2018), capaz de se expressar em diferentes contextos e de, através deles, expor uma posição.

1.1.2 Visibilidade e Invisibilidade

A linha que separa os conceitos de visibilidade e invisibilidade no contexto da moda pode parecer simples e clara, mas na realidade é ténue e pouco precisa. Consagra em si um sentido de ambivalência e de individualidade por ser relativa a dois conceitos que parecem ser subjacentes à identidade pessoal de cada um. Esta diferença está relacionada com a maneira como cada indivíduo opta por se expor e como é que este se sente mais ou menos visível. Importa clarificar que estes dois conceitos não se consagram na quantificação de pele visível, mas sim como cada um se sente com as suas peças de vestuário. Na maioria das vezes, podemos estar a utilizar mais vestuário e, ainda assim, ser mais visíveis.

A visibilidade refere-se diretamente à maneira como as pessoas usam o vestuário para se sentirem visíveis em distintos contextos. Essa visibilidade pode ser levada a cabo através de uma cor vibrante, de uma forma irregular, de um padrão ou de uma tendência. A visibilidade declara

² Cf. <https://www.dn.pt/globo/asia/na-coreia-do-norte-so-ha-28-penteados-possiveis-3096282.html>

³ Cf. <https://www.newzealand.com/int/feature/ta-moko-maori-tattoo/>

⁴ Cf. <https://ictnews.org/archive/why-navajo-hair-matters-its-our-culture-our-memory-and-our-choice>

identidade. Por oposição, a invisibilidade envolve a camuflagem. Opções mais neutras e regulares, mais discretas e comuns, que se integrem num todo e que não sobressaiam em relação aos restantes elementos de um determinado contexto (Akdemir, 2018).

Em suma, os dois conceitos são distintos, mas unem-se na sua irregularidade. Ou seja, alguém que esteja a usar um vestido vermelho pode não se sentir visível, mas, em contrapartida, quem está a usar um vestido bege pode sentir-se mais visível.

Numa cultura da *hipervisibilidade* como a atual, assente numa crescente multiplicidade de dispositivos e plataformas que estimulam a partilha do particular e do privado (que, num paradigma anterior, constituía a nossa dimensão mais invisível), a noção de valor parece estar cada vez mais indexada ao ato de ver e dar(-se) a ver. Por exemplo, o número de seguidores e de *likes* começam por ser sinónimo de sucesso nas redes sociais e acabam muitas vezes por se traduzir em múltiplas oportunidades (de trabalho, mas não só) noutras contextos. Vale mais o que é mais visto — e, por extensão, quem é mais visto -, não necessariamente o que é melhor. Mostrar, revelar, tornou-se, por isso, o nosso *default* cultural contemporâneo (Moura, 2022).

Como consequência deste enquadramento cultural que, em particular no mundo ocidental, defende o ato de mostrar (o corpo, por exemplo) como sinónimo de empoderamento, a pessoa que oculta, esconde, tapa, preserva, pode tornar-se por vezes mais visível — não pelo que revela, mas porque se destaca pela diferença.

A moda tem a capacidade de atribuir significados ao vestuário, mas cada indivíduo é que acaba por atribuir o seu significado real. É uma escolha pessoal, que pode variar dependendo do contexto, das circunstâncias e das preferências individuais.

Capítulo 2 – Moda e conservadorismo

Embora a relação entre o conservadorismo e a moda não seja necessariamente óbvia, é inegável que existe. Ambos os conceitos sofreram alterações ao longo do tempo, mas estão intrinsecamente relacionados pois a maneira como analisamos a moda é muitas vezes influenciada pelo conservadorismo (de valores tradicionais, por exemplo).

Atualmente, estamos perante um novo modelo que molda uma nova perspectiva e que está a estruturar um novo mundo – a *Hipermodernidade*:

Este modelo baseia-se em três lógicas fundamentais: 1) o mercado; 2) a tecnociência; 3) e a cultura individualista democrática. Penso que o universo hipermoderno é aquele que dedicou toda a sua extensão aos três conceitos referidos e que causou a queda dos antigos limites a este universo mercante, técnico e democrático (Ganito & Maurício, 2010).

O papel da mulher no universo hipermoderno é crucial. Sabemos que o conservadorismo está ligado não só à moda, mas a questões religiosas, financeiras, políticas e culturais, por isso, condiciona as mesmas sob o seu ponto de vista. Este novo universo, promove a evolução do conservadorismo. Ao longo do último século, as mulheres foram conquistando o direito de exercer funções e empregos que eram tradicionalmente território assignado ao homem, sejam eles na vida política, nas empresas e na arte. Atualmente, existem mulheres que se destacam nas mais diferenciadas áreas e que ocupam um papel de destaque. Por isso, os novos universos tornaram-se mistos, tendo como consequência um desvanecimento gradual do conservadorismo tal como o entendemos no passado (Idem).

Ainda assim, apesar das mudanças vividas e do seu impacto, o conservadorismo permanece. No âmbito da sua relação com o vestuário (e, em concreto, com a indústria da moda), sobrevivem múltiplas nuances. Continuam a existir vários preconceitos em relação à indumentária e ao que é ou não aceitável em determinados contextos. Também por isso, a conexão entre o conservadorismo e a religião (em qualquer das suas declinações) é facilmente observável. Apesar da evolução da moda, das tendências, das culturas, do papel da mulher, da comunidade global, o conservadorismo continua a impor limites à expansão (e expressão) da e através da moda (Appelford, 2016).

2.1 Culturas conservadoras

O conservadorismo é uma ideologia transversal a toda a sociedade, que se integra nos mais variados domínios, sejam eles políticos, económicos ou religiosos. Segundo o *Oxford Learner's Dictionary*, o conservadorismo apresenta duas definições: a) “o desejo de resistir a mudanças grandes ou repentinas” e b) “a crença política de que a sociedade deveria mudar o menos possível”⁵. De que forma é que fatores como a idade e a influência política podem afetar as escolhas pessoais?

Apesar de a moda se repetir ao longo do tempo, a perceção que temos sobre ela vai sendo alterada. As culturas acompanham estas mudanças, mas analisam-nas de maneira distinta. É essencial ter em conta que existem muitos fatores adversos à moda e ao vestuário que alteram esta análise. Fatores sociais, religiosos, económicos e políticos. Por isso, as observações destes acontecimentos moldam também a identidade e a simbologia que atribuímos ao vestuário.

As culturas conservadoras analisaram, na maioria das vezes, o vestuário sob uma perspetiva religiosa, tradicional e moral, onde as suas escolhas refletem esses valores. Por norma, as culturas conservadoras estão intrinsecamente ligadas à discricção e ao respeito pelas normas sociais estabelecidas, deixando de parte as tendências. As roupas tendem a cobrir o corpo evitando a exposição excessiva da pele como sinal de respeito e discricção. Além disso, em algumas culturas o código de vestuário é bastante rígido. Por exemplo, a utilização do *hijab* por mulheres muçulmanas com o objetivo de cobrir os seus cabelos, o pescoço e por vezes a face.

Em algumas culturas, as hierarquias sociais e os papéis de género podem ser refletidas através da roupa e são bastante diferenciados para que essa diferença seja claramente notável, reforçando assim as expectativas hierárquicas e de género.

Tal como referido anteriormente, acabam por resistir a novas tendências de moda que possam estar em oposição aos seus valores tradicionais e, por consequência, optam por estilos e referências atemporais e mais clássicas. Ainda assim, apesar de apresentarem estas resistências que variam de região para região, a sua posição em relação à moda pode evoluir à medida que a cultura também evolui. No entanto, geralmente é regida sempre pelos mesmo valores.

Por fim, a conclusão deste tópico é que a moda mesmo numa cultura conservadora continua a ter expressão e, através dela, é possível tirar conclusões como os valores, a religião e os padrões pelos quais se guiam.

⁵ Cf. <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/conservatism>

2.1.1. Influência da idade

Segundo O’Cass e Craig (2001), a idade apresenta-se como um dos fatores que podem contribuir para um maior envolvimento em temas relacionados com a moda. A idade pode ter uma influência significativa tanto numa cultura conservadora como na moda, mas ambas se relacionam. A influencia da idade pode variar dependendo do contexto cultural e dos seus valores.

Numa cultura conservadora, cada indivíduo tende a adotar valores e costumes à medida que vai crescendo. Por norma, acaba por ter mais autoridade, responsabilidade e, conseqüentemente, adquire mais resistência à mudança de paradigma social e às tendências. Frequentemente, os indivíduos mais velhos são também os mais respeitados porque a idade é associada à sabedoria. Assim, quanto mais velhos forem mais sábios serão.

Além disso, o fator da idade é também implicado no que toca ao desempenhar de várias funções. Geralmente, em culturas conservadoras são estas pessoas que acabam por desempenhar várias funções de responsabilidade social, preservando a sua ordem e manutenção à luz dos seus valores.

Na moda, a idade é um fator a ter em conta. Muitas vezes influencia o estilo de vestir e a expressão de cada um. A idade tende a criar alguma resistência às tendências e a adoção de opções consideradas mais tradicionais.

Em culturas conservadoras, a moda e a sua expressão têm tempos específicos para serem mostradas. A expectativa e a pressão social fazem com que existam expectativas quanto a isso, por isso, na sua maioria, as pessoas mais velhas vestem roupas mais formais e mais discretas. Assim, a sua adaptação às novas tendências tende a ser proporcional à sua idade. Quanto mais velhos forem os indivíduos mais difícil é seguirem as novas tendências e, muitas vezes, se as mesmas forem contra os seus valores não são aplicadas. Existe notoriamente uma preferência pelo vestuário intemporal e conservador.

Em suma, é importante frisar que a idade é um fator que influencia cada indivíduo na posição que ocupa na sociedade e na maneira como se adapta às novas tendências. Dizer também que estas influências podem variar significativamente de cultura para cultura e, por vezes, podem não ser tão lineares. A esperança cresce na medida em que se as sociedades evoluírem, as distinções entre as gerações e as suas influências na cultura conservadora e na moda se possam tornar mais flexíveis e, conseqüentemente, que este fator seja mais flexível.

2.1.2. Influência política

A política também tem uma influência nas culturas conservadoras porque desempenha um papel importante relativamente à maneira como a sociedade e essas culturas estão organizadas. Além disso, essa escolha política é também o reflexo da escolha dos ideais e dos valores dessas mesmas culturas.

Primeiramente, o impacto da influência política numa cultura conservadora reflete-se nas suas leis e nos seus regulamentos que podem refletir os valores conservadores, nomeadamente restrições como o casamento entre pessoas do mesmo sexo. A escolha de indivíduos diretamente relacionados com culturas conservadoras para cargos políticos faz com que a aviação dos mesmos seja toldada pelos mesmo valores: família, religião, moral. E aqui, é também implementada uma política educacional, ou seja, se os indivíduos que ocupam estes cargos de chefia, seja na política, na educação, no direito, na saúde e na economia, o que acontece é que esses valores transmitidos pelos mesmos passam de geração em geração levando à preservação dessas culturas.

A relação entre a política e a moda pode existir de diferentes maneiras. Primeiramente, a política pode influenciar o vestuário através dos regulamentos estabelecidos pela mesma. Nomeadamente, em algumas culturas conservadoras existem leis que asseguram a utilização de véus e roupas discretas pelas mulheres. Muitas vezes a política está intrinsecamente ligada com a religião e muitas das leis estabelecidas estão sob a luz desses valores religiosos.

A moda é em muitos casos utilizada como forma de expressão na política pois através dela é possível refletir a sua posição, o seu partido e as suas crenças. Existe um código de vestuário específico utilizado por estes indivíduos. É possível que muitas vezes eles mesmo criem tendências de moda e inspirem o seu público. Se pensarmos em figuras políticas, encontramos vários exemplos em como a moda pode ser utilizada na política para marcar uma posição, tanto como forma de protesto externo aos governos e parlamentos, mas também dentro das próprias instituições políticas. Um dos exemplos mais atuais trata-se de Alexandria Ocasio-Cortez, membro da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos da América, e o seu batom vermelho⁶. Passou a ser a sua imagem de marca e é com a constância da sua utilização que se apresenta perante um sistema político que oprime e demoniza a presença feminina no mundo político, reforçando a perspectiva de que existe espaço para qualquer pessoa e qualquer identidade num contexto que é sobretudo dominado por homens.

É importante observar que a influência política na cultura conservadora e na moda pode variar amplamente de um país para outro e ao longo do tempo, dependendo das mudanças políticas, sociais e culturais. Além disso, a moda também pode ser uma forma de protesto político e expressão de identidade política, independentemente das políticas governamentais vigentes.

⁶ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=bXqZllqGWGQ>

2.2 Sociedades abertas e sociedades fechadas

O conceito de sociedade aberta surgiu pela primeira vez pela mão de Karl Popper, no seu livro intitulado *The Open Society and its Enemies* (fig.1). Uma sociedade aberta é caracterizada pela sua liberdade. É considerada aberta porque, por norma, é mais ampla, mais flexível e mais inclusiva. Numa sociedade aberta, apesar de poderem existir algumas desigualdades, cada indivíduo tem a oportunidade de alcançar uma classe superior à sua, ou também o oposto. Talvez seja uma realidade utópica, mas aqui todos têm a oportunidade de serem efetivamente o que desejarem. Através do seu esforço, conseguem mudar o seu status, a sua profissão e o seu estilo de vida. Além disso, a informação está disponível e todos os elementos têm o mesmo acesso. É uma sociedade que valoriza a diversidade e permite a convivência entre todos mesmo que sejam de culturas diferentes. Apesar de ser uma sociedade caracterizada pela sua liberdade, isso não implica que seja totalmente ausente de leis ou restrições. Tem as suas leis e são aplicáveis a todos os indivíduos dessa mesma sociedade em busca de promover o bem-estar e a justiça.

Por oposição, as sociedades fechadas, focam-se no estatuto social que é atribuído a cada indivíduo assim que nasce. Por isso, esse estatuto não é reversível. É um estatuto atribuído e não “conquistado”. É um sistema muito específico e, aqui não é possível transitar de classe para classe. Por norma, é um sistema extremamente restrito, no qual o acesso a informações, recursos e oportunidades é controlado e muitas vezes atribuído com base em critérios arbitrários como a classe social, a religião, a nacionalidade e o apelido. As barreiras que as sociedades fechadas impõem e limitam a entrada de novos membros de maneira que também seja mais fácil isolar os membros que a ela pertencem. Numa ótica positiva, uma sociedade fechada pode permitir a preservação de uma identidade cultural.

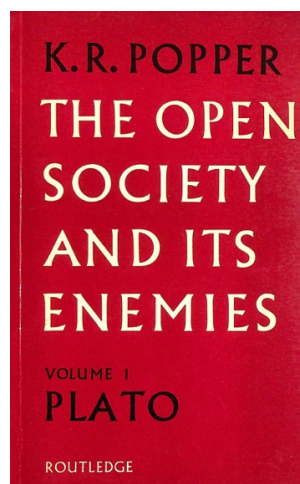


Figura 1 – Livro *The Open Society and its Enemies*, de Karl Popper
Fonte: Google Photos

2.3 Conservadorismo, religião e moda

A Igreja Apostólica Romana, é uma das três principais divisões do cristianismo. Lado a lado, com a igreja ortodoxa e protestante, fazendo parte das três grandes religiões abraâmicas: cristianismo, judaísmo e islamismo (Oliveira, 2020).

O conservadorismo, a religião e a moda estabelecem entre si uma relação complexa e inevitável. A moda pode ser vista como expressão religiosa porque muitas culturas conservadoras possuem códigos obrigatórios de vestuário. Por exemplo, a utilização do *hijab* é um símbolo de identidade muçulmana. A utilização do *hijab* é a demonstração de uma conformidade religiosa, ou seja, se as mulheres utilizam o *hijab* é porque estão de acordo com os princípios da religião islâmica.

Atualmente, vivemos uma época de transição em que a moda modesta não é só sobre religião, mas sobre identidade, conforto e estilo, ou seja, as mulheres que utilizam por exemplo o *hijab* fazem-no por opção e não por obrigação. Para além de se identificarem com a sua religião também se identificam com a sua identidade cultural.

Além disso, muitas vezes a moda também é adaptada às religiões e às culturas através da incorporação de vários símbolos, o que observamos facilmente na joalheria (em colares com pendentos em formato de cruz, terços) e em roupas com apropriação de imagens ou frases religiosas.

Ainda assim, a moda pode também ser um símbolo de protesto dentro destas mesmas culturas. Através da mesma os indivíduos que se sentem desintegrados podem reivindicar optando por utilizar vestuário que se desvie dos valores da sua cultura.

Em suma, quem faz parte de uma determinada cultura conservadora que associada a si tenha também uma religião irá adaptar, como norma, o seu vestuário aos valores da mesma. E quem não se sente integrado nessa cultura fará o oposto. O ponto fulcral é que o consegue fazer através da expressão da moda.

As imagens (fig.2 e fig.3) apresentadas mostram duas influenciadoras que partilham o seu estilo de vestuário. Estas imagens para além de expressarem a sua religião, expressam mais uma vez a sua identidade.



Figura 2 – Halima Aden
Fonte: Vogue



Figura 3 – Carrima Orra
Fonte: Vogue

2.3.1. Cristianismo ortodoxo

Ao longo dos tempos, foram criadas várias ramificações dentro da Igreja Católica (Dulles, 1972). Uma das suas variantes é a Igreja Católica Ortodoxa. A cultura ortodoxa é caracterizada pelas suas tradições, pelos seus valores, pelas suas crenças e pelas suas práticas religiosas.

As características que a diferenciam de outras culturas são, nomeadamente, as suas representações sagradas como a Virgem Maria, os santos e os eventos bíblicos. A sua liturgia também é muito representativa e sensível (Loiacono, 2014). Os eventos religiosos como o Natal e a Páscoa. Existe também uma forte aliança entre as comunidades ortodoxas e as suas famílias. Numa primeira análise, existem muitos parâmetros onde as culturas as ramificações do cristianismo se encontram, ou seja, existem algumas semelhanças entre a igreja católica e a igreja ortodoxa. Como por exemplo, os eventos festivos, as crenças na trindade e na divindade de Jesus Cristo.

Ainda assim, apesar de terem algumas semelhanças a maior diferença que as divide foca-se na não existência de um líder, ou seja, as igrejas católicas têm um líder que é o Papa, mas na igreja ortodoxa não existe nenhuma autoridade equivalente à do Papa. Além disso, enquanto a igreja católica é mais constante no que envolve a sua liturgia, já a liturgia ortodoxa é considerada mais flexível e variável consoante as culturas étnicas de cada lugar.

A cultura ortodoxa é também caracterizada pela sua modéstia. É um dos princípios mais importantes para a comunidade. É também neste valor que surge a opção pela roupa mais modesta principalmente pelas mulheres. É recomendada a utilização de vestuário que acabe por ocultar os braços, as pernas e o decote (fig. 4).

Para além da recomendação do uso deste vestuário, a comunidade ortodoxa utiliza bastantes bordados no vestuário. Para além de ser considerada arte sagrada, é também uma forma de expressarem a sua religião (Krauciuc, 2021).

Relativamente à moda, embora esta cultura tenha tradições rígidas a nível religioso e culturas que por consequência se estende ao vestuário, conseguiu evoluir aos longo dos tempos.



Figura 4 – Vestuário de uma mulher numa igreja ortodoxa
Fonte: Google Photos

2.3.2. Catolicismo conservador

Os valores desta religião são, nomeadamente, os sacramentos, tais como o batismo, a eucarística, a confissão, o matrimónio, entre outros. Consideram que o Papa é o seu supremo líder e têm uma estrutura hierárquica. O Papa é a maior figura, seguindo-se dos bispos, dos padres e dos diáconos. É uma comunidade muito forte e é, também, das maiores do mundo. Nela os seus fiéis, seguem as diretrizes estabelecidas pelo Papa.

Após esta abordagem generalizada sobre o catolicismo conservador, passamos para a sua ligação com a moda e com o vestuário. Como sabemos, os intervenientes da igreja católica utilizam vestes litúrgicas com um elevado valor emocional e também simbólico. O objetivo primordial da sua utilização passa por transmitir valores como a fé, a dignidade, a honestidade, o respeito e a importância da existência dos rituais religiosos (Fortescue, 1912).

O tipo de vestuário utilizado, tal como na vertente ortodoxa, passa pela utilização de peças que ocultem a pele de cada indivíduo o mais possível, principalmente nas mulheres. Vestidos longos, saias longas, mangas cumpridas e golas altas (fig.5). Para além de existir este código de respeito no que toca à “nudéz”, existe também a utilização de cores mais neutras e cortes mais clássicos e formais. Existem alturas específicas em que só se deve utilizar roupas escuras, por exemplo, em alturas de luto. Ou contrariamente, roupas claras em cerimónias festivas como casamentos ou batizados (fig.6).

Embora existiam alguns membros católicos que tentem adaptar a sua escolha religiosa com estilos mais contemporâneos, a verdade é que o catolicismo conservador permanece ainda muito sólido e muitas vezes não está preparado para essa mudança.



Figura 5 – Vestuário protocolar utilizado ao visitar o Papa
Fonte: Google Photos



Figura 6 – Vestuário de noivas católicas
Fonte: Google Photos

2.3.3. Judaísmo

O Judaísmo é uma religião que se centra num Deus único. Para além de ser uma religião é também uma identidade étnica e nacional. A cultura judaica é das mais antigas e mais influentes a nível global (Baumgarten & Rustow, 2011).

A cultura judaica possui várias regras. Relativamente aos eventos festivos é marcada pelo Shabbat, que é o dia de descanso semanal, o Yom Kippur é o dia do perdão. O Rosh Hashaná é o Ano Novo Judaico e o Pessach que é a Pascoa Judaica (Shengold, 2018).

Relativamente à educação, o estudo do Torá e do Talmude é muito importante. É uma cultura que incentiva desde cedo a busca pelo conhecimento. Além disso, a cultura judaica é muito diversificada por existem comunidades com costumes diferentes por todo o mundo, o que faz com

que existam tradições diferentes dentro da mesma cultura (Wilson & Dowley, 2018). O facto de todos priorizarem o conhecimento e o ensino faz com que a comunidade se torne mais homogénea na sua diferença.

A moda tem um papel significativo no judaísmo. É influenciada pelas tradições religiosas e culturais do mesmo. Mais uma vez, tal como nas outras religiões, o judaísmo também preza pelo valor da modéstia no que toca ao vestuário e, novamente, com mais representação nas mulheres. Existe até uma lei que vigora estes conceitos: Lei de Tzniut. O homem judeu (fig.7 e fig.9). utiliza uma kippak que é uma “touca” que simboliza o respeito a Deus.

Além da Kippak, utilizam também uma Tzitzit que são nós feitos em suas roupas como representação dos mandamentos de Deus (Harley, 2018).

Em cerimónias religiosas, as vestes são muito formais. As noivas usam vestidos de casamentos tradicionais e os homens utilizam fatos formais (fig.8). Para além do casamento, em festividades e no dia de descanso, o Shabbat, os judeus utilizam roupas especiais e que estejam muito bem cuidadas. Em Sinagogas, a utilização do vestuário passa por uma escolha mais formal e respeitosa. Existem até sinagogas que possuem códigos de vestuário com o objetivo de transmitir estes valores.

Tal como nas outras religiões, a moda tem tentado evoluir dentro das mesmas, mas sempre seguindo os mesmos valores. Os designers evoluem e criam estilos mais contemporâneos, mas sempre com o cunho da religião. Ainda assim, é uma cultura onde as novas vozes tentam criar algum espaço para a inovação permitindo que cada judeu se expresse na sua fé mas também na sua identidade.



Figura 7 – Vestuário de homens judeus
Fonte: Google Photos



Figura 8 – Fotografia de um casamento entre dois judeus
Fonte: Google Photos



Figura 9 – Vestuário de um homem judeu com alguma idade
Fonte: Google Photos

2.4. O Pudor, a modéstia e a moda

É do conhecimento geral que a moda sempre esteve presente na sociedade, independentemente da nomenclatura que era atribuída a este conceito. Riello e McNeil (2010) ditam que o estudo da moda integra um equilíbrio entre a investigação histórica sobre aquilo que eram os costumes e os “trajes” típicos das várias épocas e o desenvolvimento de perspectivas de carácter sociológico e antropológico que originaram teorias relacionadas com este domínio. Esta conjugação de fatores permite perceber que é imprescindível utilizar os artefactos de uma determinada época no tempo ou de um determinado lugar para que possamos estudá-los e caracterizá-los de uma forma completa e abrangente (Riello, 2011).

É difícil concentrar a origem deste conceito num determinado espaço de tempo. A utilização de roupa de um ponto de vista prático e como meio de sobrevivência e adaptação está presente desde

as versões mais primitivas da evolução do ser humano. No entanto, a utilização da roupa como um símbolo da nossa identidade, apareceu mais tarde e originou diversos construtos que permitiram estruturar diversos domínios das sociedades (Katharine, 2019).

A moda surge então como um objeto de estudo que reflete os costumes e as práticas da sociedade ao longo dos séculos, refletindo culturas e práticas comuns de um determinado grupo social ou de uma determinada era.

No entanto, apesar de poder ser algo palpável e materialista, facilmente alcançado de uma forma prática e próxima, o conceito de moda vai além dos objetos que o representam. Se os objetos lhe atribuem uma forma visível e atingível através do toque, é nos comportamentos e nas ideias que se lhe associam, que encontramos a sua verdadeira profundidade (Riello, 2011).

Um conceito que surge muitas vezes associado ao conceito de moda é a modéstia. Segundo o Oxford Learner's Dictionaries, o conceito de modéstia tem duas definições: a) “o facto de não falar muito sobre suas habilidades ou posses” e b) “ação de se comportar ou vestir de forma a não mostrar o corpo ou atrair atenção sexual”.

No que diz respeito à interação entre o conceito de moda e modéstia, podemos considerar que a segunda definição é aquela com a qual a moda mantém uma relação mais próxima. Segundo Rosenberg (2019), a expressão da moda que tem por base a modéstia, abrange diferentes estilos e refere-se a um segmento de roupas que têm como principal objetivo acomodar e esconder os contornos da forma humana ao invés de os realçar. Se atualmente é um conceito associado a determinados grupos sociais, como é o caso de grupos religiosos como os muçulmanos ou os judeus ortodoxos (Slater & Demangeot, 2021), a realidade é que a modéstia sempre foi um conceito presente ao longo dos séculos. Por exemplo, e sobretudo associada a elementos do sexo feminino, a modéstia era vista como um atributo desejável no caráter e na postura de uma “boa mulher” ou de uma “boa esposa”. Mantinha a função de esconder as curvas do corpo feminino, mas refletia-se de forma diferente consoante a época cronológica, a localização geográfica e os costumes das culturas e sociedades onde estavam integrados estes elementos.

Além disso, há uma mensagem subliminar associada à integração destes dois conceitos. Se por um lado a modéstia pode ser uma escolha pessoal, uma afirmação da identidade, muitas vezes de caráter religioso, por outro também pode ser apresentada como uma exigência e uma forma de opressão. Sabemos que a religião muçulmana olha para a modéstia, na moda feminina, como um requisito. E, se em tempos teve um caráter opressor e, por vezes, continua a ter, a comunidade feminina praticante do Islão, tem ganho cada vez mais força e prevalência na luta contra esse fenómeno, usando os diversos símbolos de vestuário como uma forma de afirmarem a sua identidade e a sua postura nos vários domínios da vida (Rosenberg, 2019).

O que estas diferenças nos revelam é que a moda e a modéstia são dois conceitos que, embora interligados, são profundamente influenciados pelo contexto cultural onde se inserem e que determina o que é que se encaixa dentro dos seus limites (Slater & Demangeot, 2021).

Capítulo 3 – Metodologia

Optou-se, no âmbito desta dissertação, por aplicar uma metodologia qualitativa, a entrevista, como meio de recolha de informação capaz de complementar o enquadramento conceptual da temática em análise. A escolha da entrevista teve em consideração a vantagem que esta possui de oferecer um testemunho de experiência vivida na primeira pessoa, em função de circunstâncias específicas a um determinado contexto. A informação obtida deste modo permite-nos adquirir uma perspetiva mais detalhada e individualizada sobre a relação existente entre religião e modo de vestir no contexto cultural e comunitário de cada um dos entrevistados.

A entrevista realizada é estruturada e constituída por nove perguntas, criadas especificamente para este estudo. Foram entrevistadas três pessoas de culturas conservadoras distintas, duas do sexo masculino e uma do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 25 e os 35 anos. A escolha dos indivíduos a entrevistar pretende explorar, através dos seus pontos de vista, a temática em análise na investigação em curso — assumindo-se a consciência de que esta é uma realidade complexa, que dificilmente poderia ser ilustrada na sua totalidade no contexto desta dissertação. Os três entrevistados proporcionam-nos uma amostra dessa complexidade, não sendo pretensão da análise realizada que a sua experiência seja representativa das circunstâncias de outros indivíduos de comunidades similares. Ainda assim, acredita-se que este constrangimento não reduz o valor desse testemunho e ponto de vista.

Leonardo Rabe tem 29 anos e é de nacionalidade brasileira. Nasceu no Rio de Janeiro e estudou numa escola alemã, acabando o seu percurso educativo / académico com uma licenciatura em Marketing e Publicidade. Imigrou para Portugal em 2019 com o desejo de ter uma melhor qualidade de vida. Começou a trabalhar na Wunderman Thompson enquanto ainda residia em Lisboa, mas atualmente vive em Madrid. É judeu e a sua família também.

Nuno Diogo Pereira Pinto de Oliveira Lopes nasceu no Porto em 1997, completando a sua escolaridade básica e secundária no colégio Externato Ribadouro. Concluiu o mestrado integrado em Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto em 2021, realizando internato de formação geral no centro hospitalar de São João. Atualmente é interno de formação específica em medicina geral e familiar na USF Bom Porto. Define-se como Católico Apostólico Romano.

Jovana Mitroviç tem 35 anos e nasceu na Bélgica, mas toda a sua família vivia na Sérvia. É licenciada em Fotografia e, neste momento, está a estudar para ser professora. A sua família é cristã ortodoxa, mas Jovana não é crente. Ainda assim, após viver neste meio, em alguns momentos considera ter sido difícil conciliar a sua identidade com os valores da sua família e respetiva religião.

3.1 Entrevista

A entrevista foi pensada em função da questão de investigação e dos objetivos traçados para esta dissertação. Foi aplicada de forma estruturada aos três entrevistados, sendo composta por nove perguntas.

A primeira questão solicita a indicação da religião com a qual os entrevistados se identificam culturalmente, procurando saber também se são ou não praticantes da mesma. Leonardo Rabe respondeu que pertence à religião judaica, mas que, ao contrário da sua família, não é praticante; Diogo Lopes define-se como Católico Apostólico Romano praticante; e Jovana Mitroviç revela que, embora tenha crescido no seio de uma família cristã ortodoxa praticante, ela não é praticante nem crente.

A segunda pergunta procura apurar a percepção dos entrevistados sobre a existência de normas associadas ao modo de vestir no âmbito da sua prática religiosa. Leonardo Rabe respondeu que na religião judaica “existem algumas normas a seguir, como o uso de cores escuras e do preto”. Referiu que os homens utilizam chapéus e que as mulheres vestem roupas mais sóbrias e mais longas, preservando a modéstia. Em contrapartida, informou que ele só o faz ao frequentar a sinagoga. Por sua vez, Diogo Lopes afirmou que, no contexto da religião católica, existem normas a seguir dentro de espaços sagrados: “mulheres e homens não devem expor joelhos ou ombros, a roupa deve ser modesta, sem exposição excessiva.” Disse também que, no dia a dia, não existindo normas específicas, é prática dos sectores mais tradicionais as mulheres usarem vestidos compridos e os homens não usarem calções/manga curta. Adicionalmente, a utilização (por mulheres) de véus para tapar a cabeça no interior da igreja é recomendada, mas não obrigatória. Por fim, Jovana Mitroviç admite que, porque não é praticante, existem algumas regras que não domina. Afirma, no entanto, que, de acordo com o conhecimento que possui, as normas no âmbito do cristianismo ortodoxo se regem pelo que é “suficientemente respeitável”, privilegiando-se vestuário que reflita os valores da igreja. Utilizar saias, calções curtos ou *t-shirts* sem mangas estaria fora de questão.

A terceira pergunta tenta apurar a perspectiva dos entrevistados sobre a articulação entre moda, tradição e valores. Para Leonardo Rabe, “a tradição limita muito a moda e as inovações”. Embora reconheça que esta característica é “complicada”, acredita que existam formas de inovar capazes de respeitar as tradições e os valores vigentes no contexto da religião judaica. Ainda assim, considera que existe uma linha muito ténue a partir da qual os valores podem ser erradamente transmitidos através do vestuário. Já Diogo Lopes considera que a moda pode e deve seguir a tradição e os valores definidos no âmbito religioso. Na sua perspectiva, modas imodestas levam à degradação dos valores da sociedade. Seguir padrões tradicionalmente estabelecidos seria, por isso, a melhor forma de articular o modo de vestir com os valores religiosos. De acordo com Jovana Mitroviç, a moda, a tradição e os valores só se podem articular se os indivíduos forem praticantes e crentes. Consequentemente, por não ser nem uma coisa nem outra, refere que para

ela essa articulação não é possível. Em contrapartida, observa que para a sua família o vestuário e a moda são escolhidos em função da sua tradição.

A pergunta quatro parte do pressuposto de que, por norma, a moda é compreendida como expressão de identidade, procurando aferir se é também assim entendida pelos entrevistados e pelas pessoas que conhecem em circunstâncias similares às suas. Leonardo Rabe afirma que, para ele, a moda não é o alicerce da identidade, embora compreenda o vínculo intrinsecamente existente entre ambas. Considera que a maneira de vestir diz muito sobre um indivíduo dentro de um ambiente específico, podendo ainda assim não refletir a sua verdadeira identidade. É exatamente isso que ele sente — por vezes, o seu vestuário reflete a sua real identidade, mas outras tantas afirma estar envolvido numa comunidade e fazer parte de um todo também através do modo de vestir. Diogo Lopes acredita que existem sempre algumas diretrizes a cumprir, entre as quais evitar formas de expressão ou vestuário imodestos. Refere também que a roupa modesta mantém uma margem de liberdade para a expressão individual, explicando que, embora a utilização de roupas mais formais seja norma ao frequentar a liturgia, no dia a dia existe liberdade para a expressão de cada um, ainda que sem exposição excessiva ou roupas provocadoras. Por sua vez, Jovana Mitroviç indica que os cristãos ortodoxos não têm um código de vestuário obrigatório, considerando que as opções de vestuário traduzem os gostos de cada indivíduo.

A pergunta cinco tenta compreender o contexto mais específico de cada entrevistado, indagando se o seu modo de vestir é de algum modo determinado pela religião à qual se sentem vinculados, seja pela prática, seja pelo contexto familiar. Na perspetiva de Leonardo Rabe, o facto de não ser praticante influencia a sua resposta, pois descarta a existência de qualquer ligação entre o modo como se veste e a sua religião. Refere também que, quando era praticante, pertencia a uma sinagoga mais liberal e que, por isso, não existia um vestuário específico. Diogo Lopes considera que não existe propriamente uma forma de vestir com que se identifique como católico. No entanto, existem normas gerais pelas quais se rege, nomeadamente adequando o vestuário a determinados espaços e/ou situações. Os valores e normas da sua religião levam a que procure evitar exposições excessivas (tais como calções demasiado curtos ou camisolas sem mangas) ou roupas pouco cuidadas (calças rasgadas, por exemplo), procurando roupas mais clássicas (camisas, polos, entre outras). Opta por utilizar fatos ou roupas mais formais em eventos da comunidade ou em cerimónias. Jovana Mitroviç sublinha que, não sendo praticante nem crente, não encontra relação entre o modo como se veste e a sua religião.

A pergunta seis pede aos entrevistados que, partindo de uma escala de 1 a 10, tentem classificar o nível de conservadorismo da sua cultura religiosa tendo em consideração a sua experiência e a das pessoas que conhecem. Assumindo estes fatores como referência, Leonardo Rabe acredita que o nível de conservadorismo da cultura judaica seria 7 numa escala de 1 a 10. Para Diogo Lopes, o nível de conservadorismo da religião católica seria 8. Por sua vez, Jovana Mitroviç considera que a religião da sua família é muito mais rígida no que toca a questões cerimoniais e alimentares,

tais como o jejum, do que no que diz respeito ao vestuário. Por isso, classifica o nível de conservadorismo como 4 no que toca às questões relacionadas com esta dimensão.

A pergunta sete tem como objetivo averiguar a permeabilidade destas culturas religiosas à mudança no que diz respeito ao modo de vestir, pedindo aos entrevistados que, pensando na geração dos seus avós, dos seus pais e na sua, tentem refletir sobre o que permanece igual e o que mudou. Leonardo Rabe pensa que houve uma grande mudança no que diz respeito a roupas para o trabalho e o dia-a-dia, sentindo que atualmente existe um ambiente mais tolerante em empresas mais recentes. Na sua perspectiva, no passado cada indivíduo precisava de se vestir de uma forma formal para ser mais bem tratado e considerado, exigência que não se aplica hoje de uma forma tão radical. Ainda assim, defende que em ambientes formais o vestuário deve ser escolhido segundo os valores da comunidade, com o intuito de demonstrar respeito. Segundo Diogo Lopes, entre os católicos menos tradicionais houve uma mudança que acompanhou a mudança da sociedade em geral no que toca à indumentária. Nos círculos de católicos mais tradicionais há geralmente uma procura de roupas mais modestas, o que significa que muito dos estilos usados podem imitar ou ser parecidos com o modo de vestir de tempos passados. Jovana Mitroviç refere que, na geração dos seus avós e dos seus pais, o vestuário era diferente do que é atualmente, não só por causa da religião, mas sobretudo porque o código de vestuário do país onde cresceu, a Sérvia, era mais importante nessa altura do que o código religioso. A roupa deveria, ainda assim, ser respeitosa para com a igreja.

A pergunta oito pretende descobrir se os entrevistados se sentem representados pela indústria da moda. Leonardo Rabe considera que sim. Para ele, existem diversos tipos de moda que são capazes de representar a maioria dos indivíduos. Acredita que, mesmo fazendo parte de uma cultura conservadora, é possível estar representado pela indústria da moda, defendendo a existência de “espaço para todos”. Na perspectiva de Diogo Lopes sim, mas somente na vertente desta indústria dedicada à produção de peças casuais mais clássicas ou de peças formais. Considera que atualmente não existe “uma procura pela modéstia no que toca à indústria da moda (mais até no caso feminino); no entanto, há cada vez mais pequenas empresas, inclusivamente de círculos católicos, que começam a produzir peças mais modestas.” Para Jovana Mitroviç a indústria da moda oferece bastantes opções de representação. Ainda assim, afirma que segue o seu próprio estilo e que tenta evitar aquilo que a indústria lhe oferece. Além disso, como não tem em conta os princípios religiosos familiares, cria o seu próprio vestuário, no qual valoriza dimensões como a sustentabilidade e o conforto.

A entrevista termina questionando se os entrevistados foram alguma vez alvo de preconceito devido ao seu modo de vestir ou se viram isso acontecer com outros, nomeadamente no contexto religioso. Leonardo Rabe indica que, apesar de pertencer a uma cultura conservadora, nunca se sentiu alvo de qualquer preconceito. Menciona, no entanto, já ter presenciado vários momentos onde o preconceito existiu contra outros, não só pela indumentária escolhida, mas por serem pessoas de classes mais desfavorecidas dentro dessa mesma cultura. Diogo Lopes refere que não

e que nunca presenciou esse tipo de situação. Por fim, Jovana Mitroviç confessa que, durante muito tempo, o seu próprio pai a julgou pelo seu estilo de vestuário e de vida. Acredita que este preconceito existente a seu respeito se deve ao facto de o pai vir de uma geração mais rígida e de um país diferente, não estando, por isso, familiarizado com as suas opções, que para ele não fazem sentido.

3.2 Análise e conclusões

Após a análise das respostas dadas às entrevistas realizadas, é possível concluir que Leonardo Rabe encontrou um equilíbrio entre a sua comunidade e a sua identidade pessoal. Quando está em lugares religiosos e dentro da sua comunidade opta por respeitar esses valores e por se vestir consoante as regras, mas quando está noutros contextos utiliza vestuário mais informal, com o qual também se identifica. É importante reter que o facto de ter dois comportamentos em relação ao vestuário não significa que, num dos casos, o faça por obrigação. Aqui, o entrevistado opta por respeitar tanto a sua vontade como os seus costumes. Para Leonardo Rabe, é possível utilizar o vestuário como forma de expressão individual, mesmo pertencendo a uma cultura conservadora. Ainda assim, é importante referir que, apesar de pertencer a uma cultura conservadora, sempre fez parte de um lado mais liberal e flexível da mesma, dando evidência de que a cultura judaica, como tantas outras, é plural e diversificada.

O segundo entrevistado, Diogo Lopes, tem uma perspectiva um pouco diferente sobre este tema. É possível perceber que faz parte de um núcleo mais conservador dentro da sua própria cultura. Através das suas respostas, podemos concluir que, para o entrevistado, é possível assumir o vestuário como forma expressão, mas somente dentro de parâmetros e valores já estabelecidos. Refere, por isso, que a indústria da moda acompanhou somente os católicos mais liberais, pois aqueles que pertencem a um círculo mais fechado continuam a utilizar um vestuário típico e idêntico ao dos seus antepassados. Mais uma vez, não se trata de uma questão de obrigação, mas sim de uma opção. Opta deliberadamente pela utilização de roupa modesta e acredita também que a produção de roupa imodesta não tem lugar no seu círculo.

Por fim, a última entrevistada apresenta uma perspectiva totalmente diferente sobre a temática. Apesar de ter crescido no seio de uma família ortodoxa praticante, ela não o é. Este fator acaba por delimitar o seu modo de estar, os seus pontos de vista e as suas decisões. Foi possível perceber que Jovana Mitroviç, para além de se demarcar das práticas religiosas, não tem em conta nenhum desses princípios no que toca à sua forma de vestir. Por outro lado, embora afirme conseguir observar que os indivíduos que são praticantes também usam o vestuário como forma de expressão e construção da sua identidade pessoal, afirma que o fazem sobretudo no âmbito do que é aceitável na sua comunidade. Para a entrevistada, não existe qualquer ligação entre os valores pelos quais a sua família se rege e os valores que a mesma pratica.

Conclusão

Embora o vestuário possa ser utilizado como forma de afirmação e reforço de um sentido individual de identidade, uma das suas dimensões socioculturais mais antigas diz respeito ao seu uso como elo de definição de uma identidade coletiva, apelando (entre outros) a fortes sentimentos e necessidade de pertença, reconhecimento e representação desde sempre enraizados no ser humano.

Sabe-se, à partida, que o contexto em que se nasce, se cresce e nos desenvolvemos como pessoas, tem a capacidade de moldar e determinar várias dimensões da nossa identidade, condicionando muitas das escolhas que se fazem ao longo da vida. Uma vez que a moda e a forma como cada um se apresenta acaba por ser um reflexo de quem é, é normal que a nossa opção pelo vestuário seja influenciada pelos contextos dos quais se faz parte.

Apesar disso, este fenómeno não acontece de forma linear. As perspetivas encontradas ao longo da investigação realizada ilustram-no com clareza. Há situações em que a cultura influencia essas escolhas, mas em simultâneo cria espaço para que cada indivíduo consiga conquistar e desenvolver a sua individualidade. Há também culturas que são tão intensas que fazem com que os indivíduos tenham somente um modo de expressão, compatível com o que é culturalmente pré-determinado. Ainda assim, a dissidência é uma constante do ser humano, ou seja, são também muitos aqueles que se desviam do caminho comum. Cada indivíduo terá sempre a liberdade de se exprimir através do vestuário, nomeadamente no âmbito de uma cultura conservadora, mesmo que tal signifique que o faça dentro de parâmetros delimitados pela mesma.

A escolha dos indivíduos a entrevistar teve como objetivo explorar, através dos seus pontos de vista, a temática em análise na investigação em curso — assumindo-se a consciência de que esta é uma realidade complexa, que dificilmente poderia ser ilustrada na sua totalidade no contexto da dissertação desenvolvida. Essa poderia ser apontada como uma das principais limitações da análise realizada. No entanto, os três entrevistados proporcionam-nos uma amostra da complexidade referida, não sendo pretensão desta investigação que a sua experiência seja representativa das circunstâncias de outros indivíduos de comunidades similares. Considera-se que este constrangimento não reduz o valor dos testemunhos e pontos de vista obtidos.

Esta dissertação acabou por criar na sua autora o desejo do estudo do impacto da fé na moda e, mais em concreto, na escolha individual do vestuário. Considera que uma melhor compreensão desta relação justifica indubitavelmente que estudos futuros lhe deem continuidade.

Referências Bibliográficas

- Akdemir, N. (2018). Visible Expression of Social Identity: the Clothing and Fashion. *Gaziantep University Journal of Social Sciences*, 17(4), 1389-1397. <https://doi.org/10.21547/jss.411181>
- Appleford, K. (2016). Being seen in your pyjamas: the relationship between fashion, class, gender, and space. *Gender, Place & Culture*, 23(2), 162–180.
- Babo, M. A. (2017). O vestuário: uma segunda pele? *Eikon*, 2.
- Barthes, R. (2015). *Sistema da moda* (Edições 70).
- Beward, C. (2007). The Politics of Fashion: The Politics of Fashion Studies. *Journal of Contemporary History*, 42(4), 673-681. <https://doi.org/10.1177/0022009407082154>
- Calanca, D., & Capalbo, c. (2018). Introductory Essay: Fashion and Cultural Heritage. *ZoneModa Journal*, 8(1), 5-15. <https://doi.org/10.6092/issn.2611-0563/8420>
- Cardoso, P. R., Costa, H. S., & Novais, L. A. (2010). Fashion consumer profiles in the Portuguese market: involvement, innovativeness, self-expression, and impulsiveness as segmentation criteria. *International Journal of Consumer Studies*, 34(6), 638–647.
- Ganito, C., & Maurício, A. F. (2010). Entrevista a Gilles Lipovetsky. *Comunicação & Cultura*, 9, 155–163.
- Hansen, K. T. (2004). The world in dress: anthropological perspectives on clothing, fashion and culture. *Annual Review of Anthropology*, 33, 369-392. <https://doi.org/10.1146/annurev.anthro.33.070203.143805>
- Katharine, H. (2019, April 5). *The origin of fashion*. Helen Katharine - fashion editor & creative director. <https://www.helenkatharine.com/the-origins-of-fashion/>
- Michelman, s. (1998). Breaking Habits: Fashion and Identity Women Religious. *The Journal of Dress, Body, and Culture*, 2(2), 165-192. <http://dx.doi.org/10.2752/136270498779571095>
- Moura, C. (2022). Moda. In Rosa, J. et al. (Org.). *Palavras-ensaio*. LivrosLabCom.
- O'Cass, A., & Julian, C. C. (2001, December). *Fashion clothing consumption: studying the effects of materialistic values, self-image/product-image congruency relationships, gender and age on fashion clothing involvement* [Paper presentation]. Bridging Marketing Theory and Practice: Proceedings of the Australian and New Zealand Marketing Academy, New Zealand.
- Oliveira, M. (2013). Vestir, seduzir e significar: da dimensão simbólica da moda ao imaginário erótico contemporâneo. *Comunicação e Sociedade*, 24, 143-151. [https://doi.org/10.17231/comsoc.24\(2013\).1780](https://doi.org/10.17231/comsoc.24(2013).1780)
- Riello, G., & McNeil, P. (2010). Introduction. In *The Fashion Industry Reader: Global Perspectives* (pp. 1-15). Routledge.

Rosenberg, T. (2019). Wrapped in Meaning: Modest Fashion as Feminist Strategy. *NORA - Nordic Journal of Feminist and Gender Research*, 27(4), 285-289. <https://doi.org/10.1080/08038740.2019.1656669>

Slater, S., & Demangeot, C. (2021). Marketer acculturation to diversity needs: the case of modest fashion across two multicultural contexts. *Journal of Business Research*, 134, 702-715. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2021.05.059>

Apêndices

Anexo 1 — Guião de entrevista

1. Começo por lhe pedir que refira qual a religião com que se identifica e que indique se é praticante da mesma.
2. Existem normas associadas ao modo de vestir (masculino e feminino) no âmbito da sua prática religiosa? Se sim, quais?
3. Na sua perspetiva, como podem articular-se moda, tradição e valores?
4. É comum entendermos a moda como expressão de uma identidade individual. Considera que este é o caso também para si e para as pessoas que conhece (em iguais circunstâncias)? De que modo?
5. Em que medida o seu modo de vestir está ou não diretamente relacionado com a sua religião ou é determinado pela mesma?
6. Numa escala de 1 a 10, como classificaria o nível de conservadorismo da sua cultura religiosa (tendo por base a sua experiência e a das pessoas que conhece)?
7. Pensando na geração dos seus avós, dos seus pais e na sua, considera que a sua cultura religiosa tem sido permeável à mudança no que diz respeito ao modo de vestir?
8. Sente-se representado/a pela indústria da moda? Se sim, como? Se não, o que poderia ser diferente?
9. Alguma vez foi alvo de preconceito com base no seu modo de vestir (ou viu isso acontecer)?